

# A FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DO SACRAMENTO DA EUCARISTIA

*THE BIBLICAL FOUNDATION OF THE SACRAMENT OF THE EUCHARIST*

*LA FUNDAMENTACIÓN BÍBLICA DEL SACRAMENTO DE LA EUCARISTÍA*

Euclides Aragão Da Silva<sup>1</sup>  
Rodrigo Mathias Rangel<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho analisa as passagens bíblicas a respeito da Eucaristia, presentes tanto no Antigo Testamento, como prefigurações, imagens, figuras do evento que só ocorrerá com a instituição feita por Jesus no Novo Testamento. A fundamentação bíblica da Eucaristia é ainda um tema muito atual, em uma época em que pouco se leem as Sagradas Escrituras. Sendo assim, tal problemática consiste em questionar: será que existe alguma fundamentação na Bíblia que justifica a fé na Eucaristia ou ela seria uma invenção católica? Essa questão é devida ao fato de cada vez mais as pessoas desejarem impor suas verdades a respeito da celebração eucarística, porém sem conhecer a verdade que foi revelada por Jesus a respeito. A finalidade central deste estudo é fundamentar, biblicamente, a instituição da Sagrada Eucaristia. Para isso, buscou-se bibliografia consistente a respeito do assunto, por meio de autores especialistas no assunto, bem como foram utilizados alguns documentos da Igreja, um deles imprescindível para o assunto, a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*. O estudo demonstrou que há sim fundamentação bíblica para alicerçar a fé da igreja, além disso esclareceu que a ação de Jesus na Última Ceia estava plenamente de acordo com a religião judaica, mas Ele não se limitou ao memorial da Antiga Aliança, estabelecendo o novo, e definitivo, memorial de sua Páscoa que é capaz de unir a humanidade a Deus até que sobrevenha o último dia.

**Palavras-chave:** eucaristia; memorial; sacrifício de louvor; refeição.

## Abstract

This work examines the biblical passages regarding the Eucharist, which are present in the Old Testament in the form of prefigurations, images, and figures that anticipate the event that would only occur with Jesus' institution of the Eucharist in the New Testament. The biblical foundation of the Eucharist remains a highly pertinent topic, particularly in a context where the Sacred Scriptures are less frequently read. Considering these considerations, it becomes pertinent to inquire whether there exists a biblical foundation that can justify faith in the Eucharist, or if it is a doctrine that is exclusive to the Catholic tradition. This question arises because an increasing number of individuals seek to impose their interpretations of the Eucharistic celebration without a genuine understanding of the truth revealed by Jesus on the matter. The principal objective of this study is to provide biblical evidence in support of the institution of the Holy Eucharist. To this end, a comprehensive bibliography on the subject was compiled, including works by leading experts in the field and the use of relevant Church documents, one of which is particularly pertinent to the topic in question, namely the Conciliar Constitution *Sacrosanctum Concilium*. The study demonstrated that there is indeed a biblical foundation to support the Church's faith. Furthermore, it clarified that Jesus' action at the Last Supper was fully in accordance with the Jewish religion, but He went beyond the memorial of the Old Covenant, establishing the new and definitive memorial of His Passover, which is capable of uniting humanity with God until the last day.

**Keywords:** eucharist; memorial; sacrifice of praise; meal.

## Resumen

---

<sup>1</sup>Bacharelado em Teologia no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: euclidesdasilva@outlook.com

<sup>2</sup>Bacharel em Teologia com ênfase em exegese (FABAPAR), Especialista em liderança e pastoreio (FABAPAR) e em formação de docente para o EAD e licenciado em Pedagogia (UNINTER). Mestre em Teologia (FABAPAR). Professor com mais de vinte anos de experiência. Professor no Centro Universitário Internacional (UNINTER) na área de humanidades para os cursos de teologia, ciências da religião e filosofia. E-mail: rodrigo.ra@uninter.com

Este trabajo analiza los pasajes bíblicos sobre la Eucaristía, presentes tanto en el Antiguo Testamento, como prefiguraciones, imágenes, figuras del evento que solo ocurrirá con la institución hecha por Jesús en el Nuevo Testamento. La fundamentación bíblica de la Eucaristía es todavía un tema muy actual, en un momento en que poco se leen las Sagradas Escrituras. Así, tal problemática consiste en preguntar: ¿Existe alguna fundamentación en la Biblia que justifique la fe en la Eucaristía o esa sería una invención católica? Esa cuestión se debe al hecho de que cada vez más personas desean imponer sus verdades sobre la celebración eucarística, pero sin conocer la verdad que fue revelada por Jesús a respecto de eso. La finalidad central de ese estudio es fundamentar, bíblicamente, la institución de la Sagrada Eucaristía. Para ello se buscó bibliografía consistente respecto al tema, por medio de autores especialistas, de la misma forma que se utilizaron algunos documentos de la Iglesia, uno de ellos imprescindible para el tema, la Constitución Conciliar *Sacrosanctum Concilium*. El estudio demostró que hay fundamento bíblico para fundar la fe de la iglesia, además, aclaró que la acción de Jesús en la Última Cena estaba plenamente de acuerdo con la religión judía, pero Él no se limitó al memorial del Antiguo Pacto, estableciendo el nuevo, y definitivo, memorial de su Pascua que es capaz de unir a la humanidad con Dios hasta que llegue el último día.

**Palabras clave:** eucaristía; memorial; sacrificio de adoración; comida.

## 1 Introdução

A fundamentação bíblica sobre a Eucaristia não é uma tarefa simples, tanto pela sua prefiguração no Antigo Testamento (AT), quanto pela instituição feita por Jesus no Novo Testamento (NT), pois é sabido que ela é parte do desejo amoroso de Deus de que todos se salvem, mas é também o modo de sua permanência, silenciosa e velada, na humanidade. Por isso, celebrar a Eucaristia significa manter-se fiel à pedagogia divina que ensina diariamente os meios, pelos quais todos podem participar de sua vida e felicidade eternas.

Tendo como pressuposto que tal processo foi alimentado pelas escrituras e também pela tradição da igreja, ambas definiram como e quando celebrar, obviamente embasada na autoridade que lhe foi conferida pelo Cristo e também por meio dos concílios realizados. Contudo, este trabalho procurou enfatizar a importantíssima fonte de fundamentação desse augusto sacrifício de louvor: as Sagradas Escrituras!

Sabe-se que a Eucaristia é sacramento que presentifica o mistério pascal de Cristo, cuja Celebração ocorre por ordem d'Ele mesmo aos discípulos no momento da Última Ceia. Foi por conta dessa instituição que o memorial de sua paixão, morte e ressurreição se tornou o centro e o ápice de todo discipulado hoje. Sendo assim, explorar os diversos aspectos acerca dela é legítimo e propicia a plenitude da vivência do sacramento que é o próprio Jesus.

Nesse sentido, a pesquisa demonstra a fundamentação bíblica da celebração eucarística, manifestando assim que ela faz parte da revelação e é parte essencial para a salvação de todos, entretanto deve ser realizada sempre com zelo e verdadeira adesão à palavra, que é o próprio Jesus, a fim de evitar o resultado inverso: condenar-se por

participar indignamente dos sagrados mistérios, rejeitando a proposta e pedagogia divinas que ensinam constantemente a conversão verdadeira e a caridade constante.

A partir dessa reflexão a respeito do livre seguimento aos ensinamentos de Jesus sobre o seu amor-doação-serviço presente na Páscoa, a pergunta que norteia esse trabalho é: há fundamentação bíblica para a o sacramento da Eucaristia? Sendo assim, é preciso compreender quais passagens realmente são encontradas nas escrituras a respeito desse mistério de fé, que está perpetuado no coração igreja até a volta definitiva do Cristo.

Essa pergunta-chave dá direção a toda a pesquisa, buscando citar as passagens bíblicas que demonstram como toda a celebração eucarística está diretamente ligada à escritura, obviamente que devem ser respeitados os contextos histórico, literário, social, cultural de cada uma das passagens, pois seria um erro de método científico-teológico não levar tais aspectos em consideração. Esse entendimento será importante para muitos fiéis e estudantes de Teologia por dois motivos: o primeiro deles, talvez o mais evidente, é celebrar de maneira eficaz e participativa o mistério da fé, uma participação equilibrada que se acontece exterior e interiormente; a segunda razão, mas não menos importante, é o de conduzir uma animação bíblica atualizada e inspiradora para a vida do cristão.

Por essa razão, o objetivo geral é demonstrar a fundamentação bíblica do sacramento da Eucaristia, todavia não seria possível alcançá-lo sem que sejam analisados outros aspectos essenciais para o entendimento global do assunto. Essa é a razão de porque foram elencados alguns objetivos específicos, tais como: compreender as prefigurações do Antigo Testamento (AT) como parte da pedagogia divina, antes da instituição feita por Jesus; fundamentar a instituição feita por Jesus como evento que concretiza as figuras tipológicas do AT; entender o sacramento da Eucaristia na atualidade como sinal de amor e de unidade.

Para alcançar tais objetivos, o trabalho foi dividido em duas seções: a primeira se deteve a analisar as prefigurações da Eucaristia no Antigo Testamento, bem como as celebrações judaicas sobre a Páscoa-Memorial recordando a libertação do antigo Egito; na segunda parte, buscaram-se explicações para as quatro passagens que falam acerca da sua instituição feita por Jesus, enquanto ceava com seus discípulos por ocasião do último encontro entre eles antes de ser crucificado. Isso significa que se procura uma explicação mais aprofundada a respeito de algumas passagens bíblicas as quais falem mais claramente sobre essa temática.

## **2 Metodologia**

Este trabalho apresentou-se qualitativo quanto à abordagem, pois procurou ampliar e fundamentar biblicamente o sacramento da Eucaristia, pois seu objetivo principal é apresentar a fundamentação bíblica sobre a Eucaristia: prefiguração (figura tipológica), instituição (evento) e celebração (sacramento). Os procedimentos técnicos utilizados para isso foram: selecionar a relevante bibliografia especializada no assunto, partindo principalmente de livros como a Bíblia Sagrada, o Catecismo da Igreja Católica, as encíclicas da Igreja, bem como alguns autores como Andrade (2018), Koller (2018), Ruthes (2019), Siqueira (2018) além de artigos científicos e dissertações, que serviram para fundamentar toda a pesquisa.

### 3 A fundamentação bíblica do Sacramento da Eucaristia

Sabe-se que a Celebração Eucarística é o culto por excelência da igreja, por isso é tão fundamental para a vida e salvação de todos os fiéis, por essa razão aprofundar-se no mistério celebrado é essencial para uma participação mais consciente e eficaz, ainda que sem conseguir esgotá-lo por sua infinita grandeza. Ela apresenta diversas nomenclaturas que revelam um aspecto bíblico e, por isso mesmo, densamente histórico, dentre os quais estão: o banquete, a ceia, a missa, a celebração, o sacrifício de louvor, memorial, Páscoa etc.

Todos esses termos aparecem na Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* quando fala a respeito da Instituição feita por Jesus:

O nosso Salvador instituiu na Última Ceia, na noite em que foi entregue, o **Sacrifício eucarístico** do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o **Sacrifício da cruz**, confiando à Igreja, sua esposa amada, o **memorial** da sua morte e ressurreição: **sacramento** de piedade, sinal de **unidade**, vínculo de caridade, **banquete pascal** em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura (CONCÍLIO VATICANO II, não paginado, n. 47).

Compreender essas dimensões que envolvem tais nomes significa, sobretudo, percorrer toda a história da salvação cuja narração se inicia desde o Pentateuco, no Antigo Testamento (AT), tendo seu ponto ápice no Apocalipse de São João, no Novo Testamento (NT). Enquanto os textos veterotestamentários apresentam uma prefiguração, profecias ou sinais da Eucaristia, acontece a sua instituição definitiva com Jesus, em uma ceia com seus apóstolos, no momento às vésperas de sua morte: ou seja, é indissociável a relação entre a celebração eucarística e as sagradas escrituras (Correia, 2008, p. 196).

Então uma classificação da mensagem sobre Eucaristia precisa ter essa visão mais geral das Sagradas Escrituras, compreendendo que “sua presença se dá de três modos diversos: como figura no AT, como evento no NT, como sacramento na vida da igreja. Como figura a Eucaristia

antecipa e prepara o evento, que é atualizado pelo sacramento” (Ruthes, 2019, p. 24). Portanto, quando se usa o termo “prefiguração”, quer-se mesmo falar a respeito do que as linhas do AT podem falar, ainda que implicitamente, acerca da Eucaristia.

### 3.1 A prefiguração da Eucaristia no Antigo Testamento

Sabe-se que não se pode falar de Eucaristia nos textos veterotestamentários, pois “no Antigo Testamento, não encontramos o tratamento direto e amplo referente aos sacramentos como nós os entendemos na atualidade, lá eles aparecem como símbolos e gestos por meio dos quais Deus e os seres humanos entram em um pacto de fidelidade” (Andrade, 2018, p. 50). Por essa perspectiva, sabe-se que existem textos iluminadores do agir de Deus na história do povo judeu ao utilizar-se dos elementos humanos para tornar-se presente, dentre os quais estão a mesa, as oferendas, o sacrifício. Além disso, os fatos marcantes passaram por ressignificação e transformaram-se em memoriais, festas judaicas, Páscoa.

Dessa maneira, pode-se dizer que “muitos temas teológicos estão relacionados na história do povo de Israel. Eles adquirem um significado existencial quando lidos sob a óptica da fé e da esperança” (Artuso, 2018, p. 29). Esses temas são entendidos por muitos teólogos como figuras tipológicas, que estão presentes no AT para prepararem os eventos que irão ocorrer no NT, dentre as quais se podem citar a vinda do Salvador, a instituição dos sacramentos, a constituição da igreja e sua missão etc.

Uma forte figura eucarística presente no AT é a do banquete que frequentemente ocorria com as mais diversas finalidades além-refeições, dentre elas se podem dizer: momento de reconciliação, alianças, acordos, comemorações pelo retorno de uma guerra ou por ser aclamado novo rei, casamento. Vê-se o pedido de perdão de Abimalec para Isaac, após tê-lo expulsado, mas se arrependeu por reconhecê-lo como pertencente a Deus, por isso, conseqüentemente, uma aliança de paz estabelecida, acontecer por meio de um banquete (cf. Gn. 26,26-30).

Além desse fato ocorrido com Isaac, há muitos outros que poderiam ser citados como o acordo entre Labão e Jacó (cf. Gn. 31-44-54); a aliança feita entre Abner e Davi (cf. 2 Sm. 3,20); mas, o que de fato importa é saber que a mesa passou a ter significado social para a sociedade de Israel com uma evolução ao passar dos tempos para dimensão escatológica. Nesse sentido, cite-se o profeta Isaías (cf. Is. 25, 5-7) cujo texto fala em um futuro em que Deus mesmo preparará para todos os povos um banquete de carnes gordas e vinhos envelhecidos, como uma prefiguração do evento ocorrido na Última Ceia e da pátria definitiva (Correia, 2008, p. 197).

Dentre esses banquetes ocorridos por diversas razões, encontra-se um em especial: aquele oferecido a Abrão pelo sacerdote e rei de Salém, Melquisedec, o qual mandou servir pão e vinho em comemoração pela vitória alcançada em uma difícil guerra entre povos e, principalmente, pelo resgate de Ló, seu sobrinho (cf. Gn. 14, 12-20). Sabe-se que são as mesmas espécies de oferendas, pão e vinho, utilizadas por Jesus no evento da instituição da Eucaristia no NT, conforme a narrativa dos evangelistas, todavia não mais pelo resgate de Ló e de alguns homens apenas, visto que o desejo real de Jesus é o de resgatar a todos por meio da sua entrega definitiva na Eucaristia.

Enfatize-se a presença desses elementos no relato sobre Melquisedec: pão, vinho e ação de graças, já que eles remetem à Última Ceia de Jesus com seus apóstolos. Inclusive, o autor da Epístola aos Hebreus faz essa comparação de maneira plena entre Jesus e o sacerdote do AT, pois o sacerdócio de ambos foi instituído “não segundo a regra de uma prescrição carnal, mas de acordo com o poder de uma vida imperecível” (Bíblia, Hebreus 7,16).

Ruthes (2019) elenca como importante evento, que pode servir como prefiguração da Eucaristia, pois também tem profunda relação com banquete e apresenta o pão como elemento, a narrativa do Êxodo (Cap. 16) na qual se pode ler a generosidade divina ao alimentar com o maná o seu povo, que caminhava no deserto. Essa generosidade é revelada em um momento em que o povo murmurava contra Moisés e Aarão, mostrando, por meio da pedagogia divina, que os caminhos da salvação são diversos da vontade humana, que é incapaz de reconhecer pela razão apenas esse amor divino, por isso mesmo alguns questionaram “O que é isso?” ao ver “sobre a superfície do deserto uma coisa miúda, granulosa” (cf. Ex. 16,14-15).

Além dos banquetes que deram importante significado às relações humanas entre os israelitas no AT, fala-se também acerca dos sacrifícios realizados, que também tinham finalidades diversas além de simplesmente matar o animal, pois o mais importante mesmo era a intenção colocada diante de tal ação. Acerca desses sacrifícios, é de grande valor a explicação de Andrade ao esclarecer que:

Os sacrifícios oferecidos tinham a função particular de ser meio para sigilar uma aliança entre Deus e a humanidade. Por meio deles, o fiel oferecia a Deus algo para implorar a reconciliação e a ajuda. A natureza humana leva a manifestar o desejo de comunhão com Deus simbolicamente por meio de algo concreto que é a oferenda. Caim e Abel ofereceram ao Senhor as primícias do seu campo e do seu rebanho. Diz-se no Gênesis que uma foi aceita por Deus, e a outra, não. **O que está subjacente é o oferecimento, ou melhor, a intenção da oferenda.** (Andrade, 2018, p.53)

Por esse prisma, observa-se que para Deus importa muito mais o interior do que as ações meramente exteriores, ainda que prescritas, pois “no livro do Levítico há uma redução dos

sacrifícios em quatro formas fundamentais: *òla*, *minhkâ*, *shelamin* e *hattât*” (Andrade, 2018, p.54), mas cada qual seguia a intenção/necessidade da pessoa: expiação das faltas cometidas, agradecimento, comunhão, partilha familiar e comunitária. De algum modo, todos esses sacrifícios encontram um aprofundamento de sua razão de ser com a vinda do Messias.

Essa perspectiva, sobre os modos e as intenções de sacrifício, é dita de outra forma por Ruthes, quando ensina que:

Na religião de Israel, existiam três tipos de sacrifícios. A **oferenda** de primícias do que era produzido (Dt. 26,1-11); os **holocaustos**, que eram realizados como forma de louvor, homenagem e busca de comunhão com Deus (Lv. 7,11-15); e os **sacrifícios de expiação**, que eram realizados para a reparação dos pecados (Lv. 4,1-4, 13-14) (Ruthes,2019, p.30).

Há elementos, nessas três modalidades de sacrifício, que as diferenciam como a intenção colocada em cada um deles, como também há outros pontos em comum que são as oferendas a Deus, tanto se utilizando de animais, quanto os produtos da terra. Embora se devam considerar que a relação do ser humano para com os produtos derivados da terra e para com os animais não estão em pé de igualdade, visto que apresentam proporções diversas, mas significativas: enquanto aqueles servem como base e sustento para a existência, estes já se mostram em um plano intermediário entre Deus e os seres humanos.

Essa visão coaduna perfeitamente com a narrativa do quase sacrifício de Isaac (cf. Gn. 12), pois, antes que Abraão sacrificasse seu filho, apareceu ali um cordeiro (v.13). Isso mostra que a relação entre as pessoas e os animais estava além da subsistência, visto que se colocava neles uma intermediação a respeito da comunhão com Deus e da expiação dos pecados. Todo o fato é tipológico da Eucaristia instituída por Jesus, pois envolve o sacrifício, a figura do cordeiro, o altar, a madeira (lenha e cruz), ou seja, as circunstâncias e os contextos diferentes, no que se referem ao tempo e às pessoas, porém profundamente ligados teologicamente pelas semelhanças tão enraizadas, só podem ser revelados diante de um projeto de salvação vindo de Deus, não mera coincidência (Ruthes, 2020, p. 09).

Entre todos os sacrifícios, havia um em especial, feito durante a Páscoa (Bíblia, Êxodo 12, 1-13), cujo rito realizado pelo povo apresenta “a celebração do sacrifício do cordeiro, sem mancha, e a oblação utilizando a flor da farinha amassada, esses dois elementos constituem prefigurações do sacrifício de Cristo na cruz, o Cordeiro imolado, que na ceia com seus discípulos se torna pão” (Ruthes, 2019, p. 27). O caráter sacrificial da antiga Páscoa judaica tinha também natureza de rito-memorial à medida que se toma a consciência da libertação de todo o povo hebreu da terrível e longa escravidão no Egito.

Sabe-se que “esse episódio se transformou em um rito memorial à salvação de Israel, pois [...] é um rito que tem a importância do fato recordado; trata-se também de uma atualização da salvação, não apenas de mera recordação” (Siqueira, 2018, p. 148). É importante compreender que o rito pascal no AT não tinha, e ainda hoje para a Igreja também não tem, uma característica saudosista ou de uma recordação vaga de um fato, mas, ao contrário disso, ele tinha a função de possibilitar que as pessoas de outros tempos participassem vivamente daquele evento, aliás, fazê-las continuadoras daquele acontecimento com ela viva esperança de seus antepassados de uma libertação plena concedida por Deus.

Nesse sentido, Koller vai ensinar que “o memorial é uma categoria própria de Israel, trata-se de fazer memória da libertação operada por Deus na história, mas não se limita à simples lembrança” (Koller, 2018, p. 36), justamente essa recordação traz à alma o fato recordado, colocando a todos como partícipes daquela realidade. Esses dois aspectos, sacrifício e memorial, são inseparáveis e complementares, pois não se sacrificavam animais a bel prazer ou por maldade, mas por intenções e leis que buscavam diminuir a distância entre o Criador e os seus filhos e, simultaneamente, o Espírito Santo induzia a reminiscências de fatos comunitários capazes de comprovar o amor de Deus nas circunstâncias mais adversas.

Todos esses acontecimentos do AT são lidos, à luz da Teologia, como prefigurações da instituição da Eucaristia realizada por Jesus na Última Ceia, pois é Ele quem revela a novidade completa dos planos de Deus, aliás, Ele é a própria Boa Nova vinda da parte do Pai. Sendo assim, na cruz, Ele concretiza o sacrifício inacabado de Isaac; na Ceia, último e doloroso banquete, revela-se “o pão vivo descido do céu”, “o maná” (Bíblia, João. 6,51), por isso é fundamental crer que “neste sacramento, Jesus torna-se alimento para o homem, faminto de verdade e de liberdade” (Bento XVI, n.2, 2007).

Esse desejo de vida plena e de liberdade responsável faz com que a Igreja, ao celebrar incansavelmente o sacrifício de louvor até hoje, faça valer a profecia de Malaquias: “porque do nascente ao poente, meu nome é grande entre as nações e em todo lugar se oferecem ao meu nome sacrifícios e oblações puras” (Bíblia, Malaquias 1, 11). Para compreender o mistério de fé que a igreja vive como sacramento, faz-se, portanto, fundamental uma análise da Eucaristia enquanto evento narrado pelas Escrituras.

### 3.2 A Instituição Eucaristia no Novo Testamento

A Eucaristia “é o sacrifício da cruz que se perpetua através dos séculos” (João Paulo II, 2003, n.11), mas perpetuação só pode ser compreendida mediante a sua instituição, união de

palavras e gestos, proclamada por Jesus “na noite em que ia ser entregue” (Bíblia, 1 Coríntios 11,23) para ser condenado à morte. Trata-se de uma antecipação do mistério de seu sacrifício ao Pai em favor de muitos, que enquanto evento teve a fase incruenta (na Última Ceia) e o momento cruento (derramamento de seu sangue na cruz), ou seja, durante o evento da perpetuação do pão e vinho como sinais de sua presença real, havia uma difícil sensação de dramaticidade e medo, mas também de confiança e de fidelidade (Bento XVI, 2011, p.47).

Toda essa realidade pode ser encontrada em quatro passagens do Novo Testamento (NT) que falam especificamente sobre a Eucaristia enquanto evento: Mc. 14, 22,24; Mt. 26,26-29; Lc. 22,19-20 e 1Cor. 11,23-25, porém é fundamental saber que “três dessas narrações colocam a Última Ceia no contexto da paixão que são Mateus, Marcos e Lucas, enquanto o apóstolo Paulo encontra-se [...] combate a falta de fraternidade em Corinto” (Siqueira, 2018, p. 143). Há estudiosos, como Bento XVI (2011) e Siqueira (2018), que reafirmam estudos antigos cujas conclusões apontam para a existência de duas tradições nesses textos: a primeira referente à tradição petrina (Mateus e Marcos), mais localizada em Jerusalém; e a segunda, Paulina, mais própria de Antioquia (Paulo e Lucas).

Já no que tange ao evangelista João, último a escrever no gênero denominado de evangelho, inclui o discurso de Jesus sobre ser o “pão da vida” no contexto da multiplicação dos pães e do povo faminto procurando-o (cf. Jo. 6) e há certo estranhamento de quem o ouve a ponto de questionar “Quem pode admitir isto?” (Bíblia, João 6, 60). A passagem “parece uma antecipação do relato da instituição da Eucaristia, que João omite ao narrar a Última Ceia, semelhantemente a outras antecipações, visto que é um evangelista que constrói teologia sobre os sinais” (Pereira, 2000, p. 04). Logo, em comparação a tradição dos sinóticos, é bem verdade que a tradição joanina procurou unir de modo mais exposto a dimensão caritativa e amorosa da entrega de Jesus para a salvação de todos, por isso Ele afirma que “a minha vida ninguém a tira, mas eu a dou por mim mesmo” (Bíblia, João 10,18).

A respeito do discurso do pão da vida, Ruthes (2020) esclarece que:

Ele é o verdadeiro pão que desceu do céu, por meio de quem a vida não é somente garantida, mas também revivificada. Utilizando elementos que são partes da narrativa das ceias – corpo e sangue -, Cristo salienta que o humano não poderá ter vida em si mesmo (Jo. 6,53). Em outras palavras somente “Quem come deste pão viverá eternamente, pois participará da salvação por Ele ofertada, por meio de seu sacrifício na cruz (Ruthes, 2020, p. 34).

Sendo assim, seguindo também os evangelhos sinóticos, é preciso compreender que Jesus estabeleceu a Páscoa definitiva, “até que Ele venha” (Bíblia, 1Coríntios. 11,26), utilizando-se de elementos próprios do judaísmo, sua religião, para ressignificá-los e, mais do

que isso, em alguns casos, dar-lhes nova substância como aconteceu com o pão e vinho, que passaram a significar seu corpo e sangue oferecidos. Desse modo, pode-se dizer que na Antiga Aliança, “o pão ázimo era a recordação da libertação do Egito, mas se transforma em sinal de libertação definitiva alcançada pelo sacrifício da cruz, enquanto o vinho, sinal da aliança no AT, agora se torna o sangue da Nova Aliança” (Siqueira, 2018, p. 147).

O texto do evangelista Mateus faz a narrativa de que Jesus tomou o pão, benzeu-o; em seguida, tomou o cálice e rendeu graças, ações rituais judaicas que Ele o fez mostrando sua total ligação com o Pai:

20Ao declinar da tarde, pôs-se Jesus à mesa com os doze discípulos [...] 26Durante a refeição, Jesus tomou o pão, benzeu-o, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: “Tomai e comei, isto é meu corpo”. 27Tomou depois o cálice, rendeu graças e deu-lho, dizendo: “Bebei dele todos, 28porque isto é meu sangue, o sangue da Nova Aliança, derramado por muitos homens em remissão dos pecados. 29Digo-vos: doravante não beberei mais desse fruto da vinha até o dia em que o beberei de novo convosco no Reino de meu Pai (Bíblia, Mateus 20.26-29).

Esses dois elementos essenciais para a concretização da Eucaristia, pão e vinho, já haviam sido oferecidos a outro importante personagem bíblico, Abraão, pelo sacerdote Melquisedec em forma de agradecimento a Deus por sua conquista na batalha e resgate de Ló (cf. Gn. 14), alimento e bebida que eram parte das refeições, banquetes, festas e memoriais, verdadeiras expressões de esperança na Providência de dias melhores e mais justos. A partir dessa análise, é justo afirmar que “Jesus torna-Se alimento para o homem, faminto de verdade e de liberdade [...] Cristo faz-Se alimento de Verdade para nós, com agudo conhecimento da realidade humana” (Bento XVI, 2007, n. 2).

Essa verdade anunciada pelo bispo emérito de Roma, permite chegar à conclusão de que a ceia celebrada por Jesus e seus apóstolos transcende os banquetes realizados em todo o AT, já que não se limita apenas às tradições e acontecimentos humanos, pois há uma transcendência na instauração definitiva de uma Aliança com Deus, a verdadeira redenção de que necessitavam todos os seres humanos. Em outras palavras, na visão de Ruthes a ceia na qual Jesus instituiu a Eucaristia:

Os evangelistas sinóticos e Paulo descrevem uma ceia realizada de forma antecipada ao calendário oficial, na qual não havia cordeiro – os elementos que substituem são o pão e o vinho, o Corpo e o Sangue de Jesus, o Cordeiro que no dia seguinte seria imolado [...] assim, podemos perceber que essa ceia se constitui em uma ceia pascal [...] com base na ótica da economia da salvação” (Ruthes, 2019, p. 36),

Quando se fala em “ceia pascal,” não se pode imaginá-la sem que seja posta em um rito-memorial, já que ambas as realidades se vivem juntas desde a Antiga Aliança, entendendo-se,

pois, que Jesus também a instituiu de modo memorial-sacramental para que todos possam participar de sua morte e ressurreição, celebrando-a com caráter sacrificial, porém de modo incruento e também em forma de ação de graças, assim o fez ao determinar aos apóstolos: “fazei isto em memória de mim” (Bíblia, 1 Coríntios 11,24).

Jesus disse tais palavras? Esse questionamento se tornou legítimo para os teólogos contemporâneos, pois não se trata do que se considera *ipsissima verba Christi* (palavras realmente ditas por Jesus), mas de relatos feitos pelo apóstolo Paulo, também pelos evangelistas, de caráter teológico-litúrgico. Acerca disso, Correia vai explicar de maneira mais concisa e objetiva:

Os relatos em causa são litúrgicos e não descritivos e, por isso, não contam propriamente o que Jesus disse e fez, mas antes a forma como os primeiros cristãos celebravam este acontecimento, a partir do mandato de Jesus: «Fazei isto em memória de mim». Não custa admitir que Jesus tenha feito e dito o que os textos referem, mas o seu caráter formal e ritual teria sido forjado nas celebrações dos primeiros cristãos (Correia, 2018, p. 204).

A partir dessa perspectiva, analisando-se o significado de tal mandamento, solene para toda a tradição cristã, fala-se confiantemente que “a memória litúrgica é o meio adequado para se transmitir o mistério: não é memória de um conteúdo teórico, e sim memória encarnada de uma experiência que não passa e da qual se pode participar, é uma memória viva” (Koller, 2018, p. 36). Dessa maneira, é mister a afirmação de que todos quantos participam da Santa Missa, atualizam, por meio do memorial, toda a economia da salvação e por meio dele é possível, na vida cotidiana, ter a experiência da promessa do Senhor ressuscitado: “eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Bíblia, Mateus 28, 20).

Mas como ocorre essa presença de Cristo no meio de nós? Essa é uma pergunta válida de ser feita, entretanto suas respostas teológicas são profundas e misteriosas: entre os diversos modos d’Ele permanecer vivo e acessível à humanidade, encontra-se o mais sublime: a Eucaristia! Ela se dá por meio da repetição verbal, gestual e litúrgica dos atos de Cristo durante a Última Ceia: sabe-se que Ele “**tomou o pão**”, “**abençoou-o**”, “**partiu**” e depois “**deu aos discípulos**” que são as mesmas ações presentes na segunda parte da Santa Missa, já que simbolicamente, e nessa ordem, encontram-se **o ofertório** (tomou o pão), **a oração eucarística** (abençoou-o), **a fração do pão** (partiu) e **a distribuição da Eucaristia** (“deu”), além dos gestos e aclamações (Aldazábal, 2021).

Ao continuar a Ceia, Jesus “**tomou o cálice**”, “**rendeu graças**” e “**deu-lhes**”, é fundamental compreender que, para as festas judaicas, tais ações eram muito comuns de serem feitas pelos anfitriões, ou por uma pessoa indicada para tal, demonstrando certos ritos, alguns

escritos e outros pertencentes à Antiga Aliança, porém Ele o faz, não em uma festa, mas em uma despedida, dando um caráter novo ao memorial e está se doando nas espécies do pão e do vinho, por um milagre de amor e misericórdia, a que se chama **transubstanciação**, que é a modificação da substância das oferendas no seu corpo e sangue.

A respeito da instituição da Eucaristia, o Papa Francisco vai trazer o esclarecimento de que:

O conteúdo do Pão partido é a cruz de Jesus, o seu sacrifício em obediência de amor ao Pai, se não tivéssemos tido a Última Ceia, isto é, a antecipação ritual da sua morte, não teríamos podido compreender como a execução da condenação à morte pudesse ser o ato culto perfeito e agradável ao Pai, o único verdadeiro ato de culto (Francisco, 2022, n. 7).

Sendo assim, é imprescindível afirmar que todo sacerdote, ao consagrar a Eucaristia, não o faz com poderes próprios, tampouco porque seu ministério é mais importante ou digno de honrarias humanas, mas agindo *In persona Christi* (na pessoa de Jesus Cristo), ele (sacerdote) se torna o instrumento vivo e dinâmico com o qual o Espírito Santo age para atualizar o único sacrifício de Cristo na cruz para a redenção de todos, celebrado de modo incruento e sacramental, no memorial instituído por Ele. A Igreja é, por essa perspectiva, acolhedora e adoradora deste dom, procurando agir com fidelidade à missão que lhe foi confiada pelo Senhor até o fim dos tempos (Bento XVI, 2007).

Celebrar a Eucaristia é, portanto, o meio mais eficaz para unir a humanidade a Deus, em um encontro, mais do que isso, em uma profunda comunhão, de dimensões reais e atuais, mas também escatológicas, pois ela é uma verdadeira antecipação dos dias gloriosos na pátria definitiva, por isso mesmo que se podem repetir as profundas e belas palavras do Papa emérito, Bento XVI:

Refletindo sobre este mistério, podemos dizer que Cristo, com a sua vinda, Se colocou em sintonia com a expectativa presente no povo de Israel, na humanidade inteira e fundamentalmente na própria criação. Com o dom de Si mesmo, inaugurou objetivamente o tempo escatológico. Cristo veio chamar à unidade o povo de Deus que andava disperso (*Jo* 11, 52), manifestando claramente a intenção de congregar a comunidade da aliança para dar cumprimento às promessas feitas por Deus a nossos pais (*Jer* 23, 3; 31, 10; *Lc* 1, 55.70). Com o chamamento dos Doze — número que evoca as doze tribos de Israel — e o mandato que lhes confiou na Última Ceia, antes da sua paixão redentora, de celebrarem o seu memorial, Jesus manifestou que queria transferir, para a comunidade inteira por Ele fundada, a missão de ser, na história, sinal e instrumento da reunificação escatológica que n'Ele teve início. Por isso, em cada celebração eucarística, realiza-se sacramentalmente a unificação escatológica do povo de Deus. Para nós, o banquete eucarístico é uma antecipação real do banquete final, preanunciado pelos profetas (*Is* 25, 6-9) e descrito no Novo Testamento como « as núpcias do Cordeiro » (*Ap* 19, 7-9) que se hão de celebrar na comunhão dos santos (Bento XVI, 2007, n. 31).

Dentre todas as verdades anunciadas nesse trecho da Exortação *Sacramentum Caritatis*, enfatize-se que “antes de sua paixão redentora, celebrarem o seu memorial”, que trata precisamente da Páscoa com um novo e definitivo significado: a vitória de Cristo sobre a morte, pois, com a sua paixão-morte-ressurreição, Ele fez o elo perfeito entre o Pai e a humanidade, isso então justifica a proclamação do apóstolo Paulo à comunidade Romana: “se morremos com Cristo, cremos que viveremos também com ele, pois sabemos que Cristo, tendo ressurgido dos mortos, já não morre, nem a morte terá mais domínio sobre ele” (Bíblia, Romanos 6,8).

Por essas palavras de São Paulo, é possível dizer que o sacrifício realizado por meio da Eucaristia é, de modo transcendente e sublime, o único realizado por Cristo na cruz de uma vez por todas, atualizado de maneira sacramental. Todavia, saiba-se que a este sacrifício único e redentor, somam-se também o nosso sacrifício vital que são as nossas tristezas e alegrias, os conflitos e perdão, a nossa individualidade e comunidade, enfim toda a existência humana. Sendo assim, a celebração eucarística é, simultaneamente, ação de graças e sacrifício de louvor, pois a vida humana em sua totalidade deve ser ofertada a Deus como um agradecimento ímpar pelo milagre de viver (Béguerie; Bezançon, 2016).

Nesse sentido, conhecer e aprofundar as passagens bíblicas a respeito da instituição da Eucaristia feita por Jesus, inclusive compará-las entre os sinóticos e a carta paulina, permite uma vivência mais autêntica da fé cristã e católica porque amplia o entendimento acerca do que está sendo celebrado, tornando mais profunda e eficaz a experiência do fiel, seja na adoração ao Santíssimo, seja na comunhão sacramental. Todavia, é importante também ressaltar que a Eucaristia não é individualista, ainda que pareça favorecer tal atitude, pois ela é comunitária: Jesus ao vivenciar a dramática Última Ceia estava com os doze; os evangelistas e o apóstolo Paulo ao escreverem esses relatos litúrgicos, fizeram-no para as suas comunidades; portanto, também cabe a nós vivenciá-la na comunidade-Igreja, que é a guardiã por excelência do augusto sacramento.

Nesse sentido, o Papa Francisco expressa seu desejo de superação do individualismo, para uma vivência real da Eucaristia ao dizer que:

Voltemos de novo ao Cenáculo de Jerusalém: na manhã de Pentecostes nasce a Igreja, célula inicial da nova humanidade. Só a comunidade de homens e mulheres reconciliados porque perdoados, vivos porque Ele está vivo, verdadeiros porque habitados pelo Espírito da verdade, pode abrir o espaço estreito do individualismo espiritual (Francisco, 2022, n. 32).

Essa bonita expressão do Papa Francisco chama a atenção para evitar em grau máximo o fechamento em si mesmo, por isso a análise bíblica é um importante caminho para construir

o entendimento de que é com a comunidade que se celebra a Eucaristia, sacramento de amor, de caridade, de doação, de serviço. Nas sagradas escrituras, todas essas realidades estão muito bem colocadas nas narrativas que envolvem a instituição da Eucaristia, devido a isso há um chamamento, nas entrelinhas, para que cada batizado a vivencie como uma experiência dinâmica de comunhão com Deus e com os irmãos, desprendendo-se da fé teórica e hermética.

#### **4 Considerações finais**

A Eucaristia é o sacramento por excelência por meio do qual celebramos o memorial do sacrifício de Cristo na cruz, de modo incruento, sacramental, celebrativo, comunitário. Ao celebrá-la diariamente, pode-se participar do evento da Última Ceia, embora de maneira atual, dinâmica, visto que o drama da paixão-morte de Jesus tornou-se, por mandamento d'Ele, a Páscoa, definitiva e eterna, que uniu novamente a humanidade a Deus, em uma aliança de amor.

Todavia, toda essa verdade não está isolada ou solta na história da salvação, pois as sagradas escrituras a apresentam figuras tipológicas da Eucaristia, no Antigo Testamento, bem como o evento da instituição no Novo Testamento. Quando se fala na relação entre a Antiga Aliança e a Eucaristia, necessariamente aparecem textos que remetem a sacrifícios, como foi o caso de Abrão e Isaac; versam sobre refeições, como é o caso da antiga Páscoa, em um memorial da libertação da escravidão do povo hebreu do Egito; fala-se também acerca do sacerdote e rei de Salém, Melquisedec que ofereceu pão e vinho a Abraão após retorno de uma batalha; além dos profetas, como Malaquias, que anunciaram dias em que haveria sacrifícios diários e agradáveis a Deus.

Essas figuras tipológicas que aparecem nos textos veterotestamentários apontam para aqueles que serão utilizados por Jesus na Última Ceia, por isso foi fundamental compreender a importância da mesa e das refeições para o povo judeu, bem como dos banquetes nos quais se faziam alianças e davam-se o perdão de conflitos. Além disso, as espécies de sacrifícios e suas finalidades também são setas que miram a futura instituição da Eucaristia com a chegada do Messias, o qual conseguiu, ao morrer na cruz, sintetizar os três tipos existentes de sacrifício.

Sendo assim, quando Jesus anuncia sua paixão e morte na Última Ceia, utilizou-se de elementos da sua religião judaica, mas estabeleceu um novo paradigma: Ele mesmo e sua morte na cruz, antecipando-a com o uso do pão e do vinho, comida básica de toda refeição judaica e bebida que significa alegria e esperança nas escrituras. Quando terminou a bênção sobre o cálice, Jesus deixou um mandamento fundamental para a missão da Igreja: “fazei isto em memória de mim”, além dos gestos-rituais que a Sagrada Liturgia preserva até hoje, com a

certeza de que a ação do Espírito Santo ocorre no altar e, pelas mãos do sacerdote, agindo *in persona Christi*, transubstancia pão e vinho no Corpo e Sangue do Senhor.

O memorial não é uma ideia teórica, abstrata, mas é o meio pelo qual participamos do momento da cruz, ou seja, aquele dia de Jerusalém alcança a todos os participantes, mas não se trata de ficar presos historicamente ao dia, pois o que importa é o fato, o acontecimento, a salvação de todos. Nesse sentido, memorial e sacrifício são expressões que caminham juntas, pois não há como falar sobre a Páscoa cristã, eximindo-se de falar sobre a cruz, como não existe possibilidade de atualizar o sacrifício da cruz, sem a celebração do memorial do único e redentor sacrifício de Cristo na cruz.

No entanto, a Igreja ensina que não se trata de algo alheio à vida do fiel, mas sim de uma união misteriosa e magnífica do sacrifício dele com o de Cristo, em uma comunhão perfeita de amor e esperança. A vida cotidiana de cada um é motivo de Ação de Graças, dessa maneira a Santa Missa revela-se verdadeiro sacrifício de louvor ao Pai com a vítima mais perfeita, o Cordeiro Imolado, seu Filho Unigênito, que se doa por amor a todos, conforme ensinamento do Papa emérito Bento XVI que explica a expressão do Senhor, “que é dado por vós”, ou seja, Jesus não morre por si, sua causa não é fechada e individual, mas comunitária e caritativa.

Nesse sentido, fazer uma análise bíblica das passagens da instituição da Eucaristia sugere que é o sacramento para ser vivido entre irmãos, rompendo com o subjetivismo e individualismo, até porque a palavra Eucaristia significa Ação de Graças, é um agir, não simplesmente um assistir. Sendo assim, o aprofundamento nos documentos da igreja leva a todos a uma vivência autêntica da fé, conhecendo toda a fundamentação bíblica presente nesses diversos textos, mas interpretados pelo magistério à luz das Escrituras e da Tradição.

Espera-se que o amor à Eucaristia realmente seja a fonte de conversão verdadeira, a fim de que possamos instaurar o Reino de Deus já aqui nessa vida, pois é impossível comungar do corpo e do sangue do Senhor e fechar-se em si mesmo. Todo batizado que se aproximar da fila da comunhão possa doar-se como Cristo se doou, morrer para si mesmo para ter uma vida nova no Espírito, vida transformada e santificada para ser a continuidade d’Ele na terra e isso inclui amar e respeitar a todos como irmãos e irmãs.

### **Referências bibliográficas**

ALDAZÁBAL, J. **A Eucaristia**. 4<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Vozes, 2021.

ANDRADE, J. **Teologia dos Sacramentos**. Curitiba: Intersaberes, 2018.

ARTUSO, V. **Pentateuco e Livros Históricos**. Curitiba: Intersaberes, 2018.

BÉGUERIE, P.; BEZANÇON, J.-N. **A Missa de Paulo VI: retorno ao coração da Tradição**. São Paulo: Paulus, 2016.

BENTO XVI, P. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*. **Vatican**, 2007. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20070222\\_sacramentum-caritatis.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html). Acesso em: 10 dez 2022.

BENTO XVI, P. **Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição**. São Paulo: Planeta, 2011.

BÍBLIA. Bíblia Jerusalém. 13ª ed. São Paulo: Paulus, 2019.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. **Vatican**, 1963. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html). Acesso em: 12 out 2022.

CORREIA, J. A. S. A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia (I). **Theológica**, [s. l.], v. 43, n. 1, p. 195-213, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/13158>. Acesso em: 12 out 2022.

FRANCISCO, P. Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*. **Vatican**, 2022. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html). Acesso em: 08 dez 2022.

PAULO II, J. **Encíclica *Ecclesia de Eucharistia***, 17 de abril de 2003, n. 11. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_20030417\\_eccl-de-euch.html#fn9](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccl-de-euch.html#fn9)

KOLLER, F. S. **Tocados pelo Mistério de Deus-Amor**. Curitiba: Intersaberes, 2018.

PEREIRA, N. B. A Eucaristia segundo João (Jo. 6, 51-58). **Encontros Teológicos**, [s. l.], v. 15, n. 1, 2019. DOI: <https://doi.org/10.46525/ret.v15i1.1098>. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1098>. Acesso em: 08 dez 2022.

RUTHES, V. R. M. **Introdução à Teologia Eucarística**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

RUTHES, V. R. M. **Teologia Eucarística**. Curitiba: Intersaberes, 2020.

SIQUEIRA, T. L. S. D. **Sacramentos da Iniciação Cristã**. Curitiba: Intersaberes, 2018.